Pensamentos à deriva

RAQUEL DE CASTRO

Um diário de bordo recheado de crises existenciais, conflitos internos, contradições inerentes ao ser humano, amores e desamores, desconstrução de valores morais e conceitos sociais na incessante procura da arte de saber viver. Uma cronologia que floresce na adolescência e desabrocha na fase adulta de uma borderliner eternamente insatisfeita. Fragmentos soltos escritos numa panóplia de cenários do quotidiano.

2022

© Todos os direitos reservados.

Índice

2007

I. A fragilidade da condição humana
II. A vida é um absurdo
III. O ridículo
IV. A nossa simplicidade, a nossa complexidade
V. Untitled
VI. A nossa "sociedade superdesenvolvida"
VII. In this shit world I've found you
VIII. Sem título

2008

I. Sem título
II. A pena de morte
III. Casamento e adoção
IV. "As sociedades multiculturais"
V. Se...

2009

I. Sem título
II. Sem título
III. C'est la vie!
IV. Já não quero nada,
V. E penso...
VI. Sem título
VII. Liberdade

2010

I. Mudança,

2012

I. Sem título

2020

I. Arte
II. Contraste
III. Sem título

2021

I. Começar
II. Diário de bordo
III. O AMOR ESTANQUE
IV. Untitled
V. Solitude
VI. Querido,
VII. Sem título

2022

I. O Poeta – Dionísio
II. Untitled

III. Yesterday
IV. A última carta
V. O sonho
VI. Uma tarde
VII. O nosso amor
VIII. Inquietação
IX. Sem título
X. E.
XI. Menina e moça
XII. O navio
XIV. Canta a ver se encanta
XV. Cartas de amor

2007

I. A fragilidade da condição humana

O ser humano, com o passar do tempo e com o desenvolvimento do universo que o rodeia, tem vindo a tornar-se algo superior a si mesmo, o que não implica necessariamente que se altere sempre para algo melhor.

A nossa existência é inexplicável, não existe um motivo para vivermos e a única certeza que nos é irrecusável é a certeza da morte. Este facto leva o homem a ter consciência da inevitabilidade da vida e, assim só lhe resta a tentativa de ser melhor com o desenrolar dos dias e, fazer com que a sua passagem pelo mundo não seja "em vão".

A fragilidade da vida humana reside no fenómeno do absurdo, algo sem resposta e à qual os humanos até aos dias de hoje ainda não conseguiram decifrar. O homem é um ser tão frágil comparado à Natureza (que possui uma força paranormal, devido aos quatro elementos: água, fogo, ar e terra), comparado com o gigantesco tamanho do universo, a verdade é que o homem está limitado pela sua própria condição, enquanto ser e, também em relação à efemeridade da vida.

Contudo, é de salientar, que existem vantagens à condição inerente do homem, tais como: a capacidade de sentir, a capacidade de pensar, de progredir, de crescer, a hipótese de se relacionar com outros indivíduos e intervir (de forma negativa ou positiva) na(s) sua(s) vida(s), a possibilidade de ir para além das suas capacidades, entre outras. Assim observamos que, apesar de haver desvantagens de "existir", também à realidades que poder conceber um sentido a uma existência.

Considero a vida um total paradoxo, pois, sabendo que irei morrer, qual o fundamento de estar aqui? A presenciar tantos seres a desperdiçarem as suas vidas, a mirar a degradação do mundo que habito, qual a razão para querer viver? Enquanto entidade que sou, acho de extrema importância a nossa comparência na sociedade, na medida em que podemos fazer a diferença, criando desta forma um mundo mais diversificado e onde as diferenças são aceites e, os preconceitos e imitações são suprimidos.

Deste modo, podemos então concluir que, apesar das limitações intrínsecas à nossa espécie humana, há a oportunidade de deixarmos a nossa marca neste mundo. Através de atitudes benéficas à sociedade, através de obras artísticas, através da defesa de uma causa nobre, através do gesto de dar um simples sorriso a uma pessoa que necessita. Faz todo o sentido "ser" se for para assinalar a diferença!

II. A vida é um absurdo

Ao longo da vida vamos adquirindo experiência e é através desta que nos formamos. Há várias maneiras de amar, nunca iras amar duas pessoas da mesma forma. Seres diferentes, contextos diferentes (sentimentos quanto muito semelhantes), mas nunca iguais. Espero ainda te dar, ou puder dar "pequenos" grandes momentos de felicidade, mostrar-te que ainda há motivos para acordar.

Acredito que a vida é um absurdo, não há nada que justifique a nossa existência. Hoje perguntaram-me no que é que eu acredito.... Acredito em mim! Se não acreditar em mim é impossível viver.

Por vezes não tomamos as opções mais benéficas para nós, porém, nunca é tarde para pararmos, observarmos aquilo que nos rodeia e, mudarmos de estrada.

Gosto de ir para além do existir, poucas pessoas o fazem. Posso afirmar que sei o que é sofrer e sei o que é amar. Aprendi a colocar-me em primeiro lugar nas minhas escolhas.

Em certas ocasiões refugiarmo-nos na ilusão é tentador, optar pelo caminho mais fácil, ou até por algo que momentaneamente nos faça esquecer dos nossos problemas. Eu opto pela realidade, por viver através do que sinto e não através do que é considerado correto, de acordo com aquilo a que chamamos sociedade, ou mundo.

Tentamos alcançar uma justificação para a nossa presença num determinado lugar, procuramos respostas para questões inexplicáveis e, lutamos para tentar chegar ao estado a que demos o nome de felicidade. Tal coisa não existe, somos projetos imperfeitos e inacabados, dai surgir o sentimento de angústia e de frustração. O não conseguir achar algo que nos complete, que nos faça sentir inteiramente útil.

Dou valor a pequenas coisas, palavras, momentos ou gestos, não me limito à minha existência e de quem me rodeia, esforço-me para descobrir o que dela posso adquirir. Mesmo em momentos piores, são eles e o modo como lidamos com eles, aquilo que nos definem.

Não existe um sentido para vida, contudo, a ambição que nos faz querer sempre mais, tentar sempre escolher o melhor para nós e para aqueles que nos dizem algo e, o fazer ou tentar com que todos os dias sejam melhores que os anteriores e sem os mesmos equívocos, isto sim faz com que estejamos aqui.

Defendo a diferença, não aquela que é apenas aparente, mas sim a verdadeira diferença, o ter ideias ou valores diferentes, o viver na realidade e ter a perceção do que isso implica, o refletir sobre assuntos que normalmente não são referidos, o chegar a conclusões que poucas pessoas chegam. Observamos indivíduos que todos os dias passam por nós e, devido ao seu exterior simulado, parecem diferentes do que realmente são. Tentam ser pessoas vulgares, vazias e idênticas a muitas outras, apenas para se afirmarem, ou para terem a sensação de integração.

Algo semelhante ao sentimento de náusea invade quem é diferente, assistir a tudo isto, ao degradar de algo tão único como é uma pessoa, um ser humano custa bastante.

Cada momento importa como a vida inteira, se naquele preciso instante eu disse, fiz, ou tomei uma dada decisão foi por me parecer na altura que era o melhor, ou pelo menos era assim que o sentia. Se naquela circunstância o que fiz fazia sentido, então, é porque valeu a pena, não deveríamos lamentar realidades do passado, deveríamos aproveitar a realidade presente.

III. O ridículo

As pessoas são estranhas, num momento desejam algo e é inexplicável, como no segundo a seguir o seu Mundo abanou e aquilo que queriam deixou de fazer qualquer sentido.

Aquilo em que acreditamos é relativo, somos constantemente expostos aos olhos do nosso exterior e como esse facto se reflete em nós, as nossas convicções alteram-se, bem como o nosso modo de acordar cada manhã.

O nosso processo de aprendizagem é constante, mas a simples verdade de estar vivo, o presenciar a vida necessariamente e o observar o absurdo da morte faz-nos pensar o nosso próprio pensamento. Ou seja, questionamos as nossas certezas, o que miramos, o que tocamos, o que sentimos e o que pensamos.

Só há um problema para a vida, que é o de saber a nossa condição e "de restaurar a partir dai a plenitude e a autenticidade de tudo". Isto é, ter conhecimento de que estamos vivos para depois termos de morrer, a morte é o nada de tudo.

Custa-me a realidade da pessoa que somos, sinto a exatidão de que sou eu que me habito, de que vivo, de que marco uma presença e de que EU sou uma entidade, uma sombra e que estou aqui, sou real, estou aqui para morrer essa é a minha verdade.

Seria tão mais fácil não ter consciência do ridículo da nossa existência, a nossa única forma de respirar é querer, estar ciente dos nossos limites causa-me uma frustração porque os marcos que nos são impostos são fruto do nosso interior.

Um dia alguém me disse "tudo tem uma causa e consequência", talvez creia nessa afirmação. Contudo, a deterioração do ser humano é demasiado penosa para ser sentida de modo lógico. Mas afinal, o que é ou não lógico? Se calhar existe uma causa para a degradação própria, será apenas uma ou várias?

A dor é o que nos realiza, o que nos comprova que ainda estamos vivos, é o que nos fomenta náuseas de revolta. Viver é sofrer, no entanto, subsistem individualidades que nunca sentiram no seu íntimo a dor. Algo que abafa qualquer tormento físico, pois o pior flagelo de todos é aquele que se concebe dentro de nós e que não conduzimos ou controlamos.

Em tempos eu era diferente, nem sempre fui assim, já fui inocente e inofensiva. Já acreditei na felicidade, já acreditei em Deus, já acreditei nas pessoas, já me entreguei inteiramente às pessoas que me cercavam, diria mesmo que já acreditei em mim. Neste instante aquilo que mais receio sou eu própria, o que perfaz, o que sou capaz de fazer.

Hoje inclinei a cabeça, olhei para o lado e contemplei, o que eu atentamente observava, não o trocaria por nada. Um segundo pode converter uma imensidade de dias valerem a pena, um gesto na altura correta pode ter um significado colossal.

IV. A nossa simplicidade, a nossa complexidade

Porque será que tem de ser sempre tudo tão simples ao ponto de se tornar complexo devido à sua própria simplicidade?

Sabe bem ter alguém que goste realmente de nós, mas afinal, o que é gostar? Será que se compara a um sentimento, ou algo imaginário fruto do nosso inconsciente?!

Sinto receio, desconfiança, contentamento e satisfação, tudo em simultâneo. Se, por um lado é positivo fazerem-nos sentir bem, por outro lado, (num sentido pejorativo) não é assim tão bom. Isto é, para quê ter alguém sabendo que o iremos perder? Para quê partilhar um pouco da nossa vida, tendo consciência que mais cedo ou mais tarde olharemos para trás e nada passou apenas de uma mera recordação como tantas outras...

Poderá o facto de envolvermo-nos com outras pessoas ser uma corrida para o infinito, quer dizer, ter algo que num certo momento nos é tudo (e como que de repente) não nós é nada.

Escusado será dizer que é impossível existir sem nos relacionarmos com outros seres, contudo, o buraco (campa) será sempre somente nosso e, por muito que se tenha sabido praticar a arte de viver, iremos para o "chão" sozinhos e, passado um espaço de tempo a nossa existência passou a ser completamente desconhecida. Mas será que a nossa existência alguma vez existiu?

É inevitável (a partir do momento em que alguém se torna importante para nós) que nos afetem, magoarmo-nos e magoarmos quem nos rodeia.

Estou sempre de mal com o Mundo, mas por vezes, essa revolta é fruto da instabilidade com o meu interior. A insatisfação constante faz me sentir nauseada e confusa. É como se eu fosse demasiado lúcida, tendo demasiada consciência da minha finitude, dos limites do ser humano, do absurdo da nossa existência.

Algo incontrolável, inexplicável, uma incógnita que permanece no meu subconsciente. Sinto-me apaixonada, o que me dá vontade de não desistir de mim, mas e quando ele se fartar e eu voltar a ser "ninguém" para o meu exterior?!

Sabe bem saber que fazemos toda a diferença na pequena e curta vida de outro ser, somos mais uma sombra na multidão, mas que, para os olhos de um outro alguém (por algum motivo) destacamo-nos.

O meu maior medo é sem dúvida, o medo de mim mesma, no entanto, há um tempo para cá, outro medo tem crescido dentro de mim... O medo de perder a tal pessoa especial que me destacou da multidão!

V. Untitled

I can't hear you, I don't earn you

The sound of crying over you

The sound of your heart beating

The sound of the voice inside my head

Oh gosh, how can I support you,

If I can't even support myself?

Death isn't my fear

Pain isn't my fear

Cut myself isn't my fear

Losing you, hurt you, that's my fear

Truth is an illusion

Life is an illusion

Death is certain

Go, oh please go

Run away, run until your breath came out of your body

Go, run while you can and please forgive me to ask you this

The dark is my way, my darkness

My heart is made of stone

And it's close to everybody

VI. A nossa "sociedade superdesenvolvida"

Confesso que tenho saudades do tempo em que era criança, ingénua, sonhadora, sortuda (mesmo sem ter consciência de que o era), quando tudo era possível e nada parecia ser definitivo. Ser pequena e tudo ser maior que nós, observar o mundo através dos nossos olhos de criança, não saber o que é estar triste de verdade, não ter de pensar em nada em concreto.

Hoje, o mundo encontra-se virado de pernas para o ar, já ninguém sabe distinguir verdadeiramente o que é ou não correto. O que é fácil torna-se no dia seguinte difícil e, o que foi considerado simples ontem, já não o é hoje. Como seria ser pequeno atualmente, será mesmo que iria saber tão bem como há uns anos atrás? Talvez sim, ou talvez não... podemos afirmar com toda a certeza que seria deveras mais afável ser criança (independentemente do ano em que nos encontramos) ao contrário de ser uma pessoa crescida.

Por pessoa crescida entende-se uma identidade não identificada que, por sua vez, tem a seu cargo, responsabilidades, deveres, um papel relevante perante a sociedade, usualmente uma família relativamente dependente de si e, mais marcante que os ofícios todos que lhe são indeclináveis, é o facto de ter consciência da sua insignificante existência e do que o rodeia.

Ora bem, se profiro que o mundo está perdido, decerto que terei de expor os fundamentos que me levam a declarar tal coisa (obvio que elementar não irá ser, no entanto, tentarei).

Cada individuo na sua mais pura e mísera forma é um ser único, algo insubstituível, algo incomparável, algo inimaginável, algo estranho, algo diferente... dando seguimento a este meu raciocínio, poderemos então concluir que um ser humano devido ao seu amontoado de características próprias e, à sua mente distinta deverá se apresentar tal como é diante a sociedade em que se inclui. Contudo, este episódio não sucede, ou seja, cada vez são mais frequentes os estereótipos, as rejeições a pessoas diferentes, os rumores, a falta de criatividade, a escassez de originalidade, a imitação, a falta de personalidade (carácter, temperamento próprio, individualidade) e, é visível diariamente o esforço feito por grande parte das pessoas, para serem idênticas ao resto da comunidade que frequentam habitualmente (pois, só deste modo consideram possível sentirem-se integradas e adaptadas).

Encaro este assunto grotesco, visto que cada um de nós vive somente uma vez e, tendo em conta que não irão existir duas pessoas iguais, só nos deveria restar a hipótese e dever (espontâneo e irrefletido) de nos demonstrarmos ao mundo, tal como somos. Sem tirar nem pôr peva, não acrescentando nada mais do que pequenos reparos à nossa personalidade e feitio (a fim de nos aperfeiçoarmos), assim estaríamos condenados à nossa própria e ilimitada liberdade.

Como era bom, deambular por entre a multidão sem ter um indivíduo a nos apontar o dedo por algo que ele encara como pejorativo meramente por ser diferente. Gostaria de um dia poder atestar com orgulho que a nossa "sociedade superdesenvolvida" atesta por completo todos os ângulos dessa sua autodefinição, contudo, esse dia custa a advir e cada vez o avisto mais longínquo.

VII. In this shit world I've found you

Oh dawn! I'm lost

I haven't words

My feelings ran

What I hear is something

But I can't get close to hear

To hear what my inside is telling me

Oh fuck, I'm lost

I've no fear

My heart will stop

But I'm holding still

For my love for you never disappear

Someway, somehow, I'll always love you

This is a goodbye to the infinite

I'll wait for you in hell

In hell we will stay together,

Forever and ever

And then I'll never get lost again

You're my reason, my sun

I wake up every morning for you,

Because without you I'm fucked

Sorry to live, to die,

This sucks and I know why

You're my passion and I've to go

Oh man! I've no words

To explain you how this hurts

I'll always be yours

You're the only person that I love,

You're essential

In this shit world, I've found you

Now I've to go

I don't earn you,

You need and deserve better than me

More than me

You're inside me, I feel you

I feel you now, forever

Shit! I killed myself,

I wait for you,

I'm lying in this pool of blood

Please forgive me

Darling you're between my heart and the knife that cross my chest

Please love, forgive me to love you.

VIII. Sem título

Sabes quando nos sentimos perdidos? Quando achamos que mais nada importa. Sabes aqueles momentos que nos questionamos: "o que faço eu aqui"? Pois é, tive tantos desses momentos, não sabia o que fazer comigo mesma.

Ainda me lembro do nosso suposto café, o dia da praia de Carcavelos... parecias apenas mais um (saberia lá eu o que me esperava). Eras tão simpático e simples, trataste-me muito bem e já havia algum tempo que não estava com alguém assim. Fazias-me ter vontade de estar mais contigo, de sentir-me bem como me sentia no pouco tempo em que conversávamos.

Fui parva, voltei para quem não devia, e magoei-te com a minha atitude. Ainda bem que o fiz. Acho que consideraste que, eu não era mais uma? Talvez? Não sei.

Quero que saibas que foste a melhor coisa que me aconteceu até hoje dia 30-12-2007 às 1:07, orgulho-me em ter-te a meu lado e puder chamar-te: "meu namorado". Foste quem até hoje gostou mais de mim (sem sombra de dúvida), dás-me valor como nunca ninguém deu.

Se te disser que te amo? Se te disser que não me imagino sem ti? Se te disser que graças a ti, no outro dia disse espontaneamente: "gosto de viver"? Se te disse firmemente que és a pessoa mais importante da minha vida? Se te disser que adoro todos os nossos momentos? Se te disser que quero mesmo ficar contigo? Se te disser que te magoei e não posso prometer que nunca mais o faça? Se te disser que já me magoaste muito e que apesar disso, valeu a pena? Se te disser que vale a pena acordar só para te ouvir pelo telemóvel a dizer: "amo-te minha pequenina"?!

Adoro quando me abraças, apertas-me contra ti, sinto-te junto a mim... sinto-me tão segura, parvoíce, mas, parece que o mundo pára a nossa volta, pois, para mim, só tu interessas. És a minha prioridade, quero um dia viajar contigo, termos a nossa casa, poder dormir ao teu lado todas as noites.

Sei que, estou longe de ser pacifica e de conseguir ter estabilidade, tenho variações de humor constantes, tenho mil e um defeitos, sou muito ciumenta e possessiva, sou agressiva e bruta às vezes, consigo ser mal educada, sou desarrumada, sou respondona, não gosto de acordar cedo, não gosto de me arranjar à pressa, não gosto que mandem em mim, tenho a mania que sou independente, gosto de me vestir de preto, adoro o meu batom vermelho, tenho atitudes pouco próprias em público, tenho má fama na merda do Liceu, as pessoas na rua olham para mim de lado, sou esquisita para comer, falo imenso, não gosto de hip hop e não ligo muito ao estilo de musica que tu gostas, adoro concertos de Marilyn Manson, tenho medo de bichos, não sou muito fã de desporto, gosto de agitação e de cidade, gosto de ser diferente, sou viciada em imensas coisas, e tenho uns quantos parafusos a menos... mas a verdade e nunca duvides disto... É que eu amo-te. Amo-te muito Ricardo, amo-te e não me imagino por um minuto sem ti, fazes-me bem, fazes-me sentir que é bom estar aqui... nem que seja para te puder dar um beijinho, ou para simplesmente ver o teu sorriso quando eu te digo: "és o meu puto sabias?". Gosto de viver, gosto de todos os dias acordar e pensar em ti, gosto de falar constantemente de ti a todo o momento com todas as pessoas, gosto de olhar para a tua fotografia quando me levanto de manhã, gosto

de dormir com o teu casaco, gosto de me lembrar de ti em cada recanto do meu quarto... gosto de gostar de ti da forma que gosto.

Pode não parecer, mas custa-me ser assim tão transparente, mesmo que seja com a pessoa que amo, custa-me. Como sabes, magoaram-me, de forma tal que, tenho medo de que me magoes... senti-me tão vazia naquela sexta-feira em que foste preso, tive vontade de desaparecer... tive vontade de gritar, não o fiz.

Sei que há coisas que ainda não entendes em mim, sei também que não sou uma pessoa fácil e que por vezes complico o que é fácil, erro como toda a gente e nem sempre digo o que devia.

Tenho medo que por estar apaixonada por ti, por já não me imaginar sem ti, por contar sempre contigo... tenho medo de que algum dia não estejas lá para mim, tenho receio que me magoes e que me abandones como todas as pessoas fizeram até hoje. Não sou nenhuma coitada! Mas não quero sentir-me como já me senti, nem mesmo eu mereço isso (acho eu, não sei se estou certa ou errada).

A partir do momento em que amamos alguém, tudo muda e o nosso pequeno mundo gira uns 180°... começamos a pensar por dois, acreditamos que tudo é possível e, entregamo-nos por completo a essa nossa pessoa especial.

Por vezes digo coisas que não devia e tenho atitudes irresponsáveis e impulsivas, sou frontal de mais e estou longe de servir de exemplo para algum ser vivo, mas tenho-te a ti, completas-me.... fazes-me sorrir, fazes-me rir, fazes-me zangar, fazes-me amuar (muito raramente), fazes-me viver intensamente!

Sinto-me mal hoje, não gostei de falar contigo ao telefone e apetece-me fazer o que não devo (tu sabes o que é), dai vim escrever um texto para ti, escrever o que penso, tentar aliviar o que sinto... neste momento gostava de não estar aqui, ainda nem leste a conversa toda e já estavas assim. Disseste que fui miúda e desci ao nível da outra, só lhe fizeste elogios e falaste comigo (embora calmamente) de uma forma estranha, senti-me basicamente: uma merda! E sinto-me triste, gostava que um dia pudesses olhar para mim e sentires que tens orgulho em mim... Talvez ainda não tenhas motivos. Às vezes sou um bocado parva eu sei, mas ultimamente chamas-me muito isso... começo a acreditar.

Amo-te tanto, não gosto de estar triste como estou agora. Tenho uma sensação esquisita e custa-me a respirar, não paro de pensar em ti e o quanto parecias desiludido ao telefone. Sei lá... gostava de ser pequena, tal e qual como dizia no meu texto. Que por sinal, era importante para mim e não leste. Enfim...

Resumindo... embora nem sempre o demonstre da melhor maneira: fazes-me acreditar que tudo é possível, fazes-me gostar de viver, fazes-me acordar quando preciso e dás-me muitos mimos (que eu adoro!) ... ou seja, isto tudo para te dizer: AMO-TE MUITO.

2008

I. Sem título

De que somos nós feitos? Poderíamos ser feitos de um nada, ou de algo tão complexo e diferente de pessoa para pessoa que seria impossível de definir. Posso afirmar ser feita de pensamentos sem nexo, feita de coisa nenhuma ou, talvez, ser feita de experiência ganha todos os dias, feita de momentos positivos ou não, que me fazem crescer, feita de vivências, hábitos, gostos e pessoas que me tocam não na pele, mas no íntimo.

A nossa sociedade e o ambiente que nos rodeia irá influenciar, então o ser humano que nós nos vamos formando ao longo de um processo demoroso e de aprendizagem. Nos dias que correm somos então expostos a um excesso de informação e perspetivas diferentes sobre o Mundo.

Pessoalmente, no meu quotidiano existem áreas das quais não prescindo, tais como: literatura, cinema, teatro, música, fotografia e dança. Os temas que referi são essenciais e regularmente falados, fazendo desta forma, parte daquilo a que chamamos cultura e ajudando-nos a abrir os nossos horizontes.

Assim, os livros, com histórias de encantar ou horrorizar; o cinema, concebendo-nos a possibilidade de entrar numa realidade totalmente contrária à nossa; o teatro, envolvendo-nos de magia; a música, podendo alterar o nosso estado de espírito; a fotografia permitindo captar e demonstrar ao mundo algo tão simples como um momento e a dança fazendo-nos libertar dos nossos receios. Todas estas artes nos permitem sonhar. Oh sonhar! Indispensável, importante e insubstituível. Algo tão maravilhoso e que nos faz querer ir mais além, concretizando objetivos e levando-nos uma vida muito mais enriquecedora.

Concluímos então, que os nossos gostos, tanto em termos de música como de livros e até de filmes, dizem um pouco de nós. Digamos que uma pessoa de carácter romântico escolheria numa livraria um romance? Somos todos tão diferentes, não há que estereotipar. Quiçá!

II. A pena de morte

Ao deparar-me com o tema "A pena de morte" senti de imediato uma necessidade enorme de obter maior informação sobre o assunto. Assim, comecei por fazer uma pesquisa sobre a origem e a evolução histórica da pena de morte, os métodos de aplicação, os países abolicionistas e rececionistas, o caso específico de Portugal e a situação atual no que diz respeito a esta.

Considerando que a pena de morte é muito mais do que uma questão ética e sociológica, deparei-me com um dilema moral, na medida em que, se por um lado, a vida representa aquilo que nós humanos mais prezamos e defendemos como valor, por outro o facto de alguém tirar a vida a outrem desperta em nós uma ira tal que só a racionalidade, na minha opinião, será capaz de analisar de forma sensata a dicotomia vida/morte.

Vários são então os argumentos que me levam a desacreditar na pena de morte, posso mesmo afirmar que a minha posição é contra, porque:

1. *Há possibilidades de inocentes serem condenados à morte;*

2. *A pena de morte vai contra a cultura ocidental;*

3. *O assassino tem que ser punido, isto é, sofrer pelo que fez (pelo menos, com a perda da liberdade);*

4. O notável progresso de todo regime penitenciário, que, de um lado, isola os criminosos, e, doutro lado, pode dar oportunidades para recuperar as pessoas;

5. A irreversibilidade da morte: uma vez aplicada a pena, nunca mais pode ser restituída a vida. E se houve um erro no julgamento?

6. A lei do olho por olho, dente por dente, já está superada;

7. "A pena de morte é contrária a dignidade humana, pois o homem não é mais uma res; a escravidão e a servidão não existem, e o modo de produção é baseado no trabalho livre e no capital. A pena de morte por ofender a vida, agride a história e dificulta a evolução da humanidade";

8. É incoerente conceder apenas ao Governo a liberdade de matar alguém, assim como é absurdo que o Estado tire a vida de uma pessoa porque ela não respeitou o direito à vida. Acho absolutamente ilógico que o Estado, para punir uma pessoa que matou outra, contrate alguém para matar e dê dinheiro e proteção ao assassino;

9. Não é plausível a justificação da superlotação das prisões e/ou o dinheiro gasto no sistema carcerário, já que a pena de morte é bem mais cara que uma eventual prisão perpétua;

10. Aí está, a pena de morte é imoral, inútil, perigosa, contraditória e ainda, inconstitucional;

11. A pena de morte não tem o carácter intimidativo que seus defensores lhe atribuem, pois, as características demonstram que nos países onde existe a pena de morte, o índice de criminalidade chega a ser maior e os crimes mais sofisticados (estímulo à violência);

12. Há uma inclinação mundial para abolição da pena de morte. O ordenamento jurídico internacional está preocupado em evitar retrocessos (e anacronismos);

13. A pena de morte é discriminatória. Segundo estatísticas levantadas nos EUA, a maior parte dos condenados são negros, homens e receberam apenas uma educação escolar primária. Já no Brasil, a realidade nos constata que apenas os pobres são condenados, e se a pena de morte fosse aplicada voltar-se-ia somente contra os pobres.

Mesmo que teoricamente seja positiva a pena de morte, torna-se difícil na prática concretizá-la. Pois qual é o critério que determina que alguém deve morrer? Será que ninguém é recuperável, principalmente hoje com o progresso das ciências biológicas e psicológicas?

Frequentemente estes processos desenrolam-se num clima de paixões políticas, interesses económicos ou egoísmos nacionais. Quantos condenados à morte no passado são hoje tidos como mártires ou heróis nacionais!

O necessário seria a sociedade trabalhar para eliminar as causas dos possíveis condenados à morte: injustiça social, analfabetismo, alcoolismo, entorpecentes, materialismo, exploração mútua, marginalização, subalimentação etc.

"As causas da violência em geral são, além das de ordem sociológica (fome, desemprego, más condições de vida, etc.), as de ordem estrutural: a estrutura social e económica do capitalismo que atingem os países em desenvolvimento direta e indiretamente; e também as instituições estatais, nomeadamente a polícia – o órgão repressivo estatal - e o judiciário. É, então, do Estado que vem a violência institucional, expressão da violência das classes que detêm a supremacia no aparelho político do Estado".

A pena de morte, de acordo com a política criminal dos povos democráticos, tem por fim a recuperação do indivíduo - e não seu isolamento - defendendo, acima de tudo, a sua reintegração na sociedade. A pena de morte é o oposto a esta política, é completamente irracional, contrária à filosofia do direito.

Para terminar esta reflexão, deixo aqui as palavras de um existencialista com quem eu partilho a mesma posição face à pena de morte:

"Quando vi a cabeça separar-se do tronco do condenado, caindo com um sinistro ruído no cesto, compreendi, e não apenas com a razão, mas com todo o meu ser, que nenhuma teoria pode justificar tal acto." Albert Camus.

III. Casamento e adoção

Cabe a todos nós analisarmos os fatores positivos e negativos para depois posicionarmo-nos. Mas tal posição deve ser decidida sem preconceitos e julgamentos pré-elaborados. Antes de tudo devemos considerar algo muito mais valioso e que está em jogo, a vida de uma criança.

O ser humano necessita de carinho e de amor para viver. Então como podemos nós não desejar felicidade aos menos favorecidos? Aquelas pessoas que não podem ter filhos com os seus parceiros e que mesmo assim, sentem vontade e tem condições financeiras e emocionais para criar e educar uma criança.

A adoção é muito mais que um ato de amor, é doação, é dedicação.

Enquanto o preconceito se tornar maior do que o interesse pelas crianças, estas estarão renegadas ao acaso, postas em filas imensa a espera de "casais" que possam se interessar por elas. O preconceito coloca uma barreira imensa entre o desejo de uma criança em ter um lar e o desejo de um pai/mãe de ter um filho.
O que caracteriza a relação pai e filho é o desejo do pai em ser pai e do filho em ser filho, é na adoção que estes laços se concretizam, por não ser algo imposto e sim um vínculo do amor que unirá estes dois seres.
No Estatuto da Criança e do Adolescente, o casamento não é requisito para a adoção, a capacidade de adotar não tem nada a ver com a sexualidade do adotante. Sendo assim, não existe motivo que justifique negar o direito de uma criança órfã de ter uma família. Negar a uma criança o direito de ser adotada, de ter o amor de uma família é inconcebível na nossa sociedade.
Alguns juízes já olham de forma mais humana para estes casos, porém, ainda há muitas barreiras a serem transpostas para que a homossexualidade não seja uma barreira que impeça crianças abandonadas de encontrarem um lar.
O amor não tem sexo, o amor não exige requisitos, apenas o ato de se doar para alguém e o Direito deve estar presente neste contexto, o direito que todo o ser humano tem mesmo antes de vir ao mundo, o direito a uma vida digna, de ter uma família e principalmente de ser reconhecido como cidadão, independente do sexo.

Isto não é atacar "a família", é defender todas as famílias, mesmo aquelas que certa "tradição" sempre perseguiu.

IV. "As sociedades multiculturais"

Desde os tempos mais remotos, que a palavra "cultura" tem estado presente no quotidiano dos seres humanos. Se cultura representa tudo aquilo que os homens criaram ao longo do tempo e em todos os domínios numa dada sociedade, podemos afirmar que vivemos num mundo constituído por diversas culturas.

Assim surge a diversidade cultural, bem como, as sociedades multiculturais, isto é, pessoas de diferentes origens éticas, utilizando diferentes línguas e possuindo hábitos culturais distintos, partilham as mesmas cidades no dia-a-dia, os mesmos bairros e os mesmo locais de trabalho e lazer.

O fenómeno do multiculturalismo levanta questões tais como: a xenofobia, o preconceito, o racismo e o etnocentrismo. Estes conceitos consistem basicamente no julgamento de outras culturas tendo como ponto de referência a nossa própria cultura, no conflito entre pessoas de culturas distintas, e ainda, na rejeição de indivíduos de nacionalidade diferente da nossa.

Visto que vivemos em sociedade, torna-se urgente e necessária a aceitação e organização da multiculturalidade das sociedades, com o objetivo de tornar o mundo um pouco mais pacífico e menos confuso. Neste sentido, é de salientar que os movimentos migratórios que têm sucedido ao longo da História, no mundo inteiro, muito contribuíram para este fenómeno da multiculturalidade. Se por um lado o conflito de culturas gera tensões, por outro, abre as mentalidades e ensina-nos valores como: o respeito, a partilha e a aceitação.

Na minha opinião, o cruzamento de culturas diferentes, deveria ser encarado como algo extremamente enriquecedor e positivo na nossa sociedade. O combate aos estereótipos e aos preconceitos deveria aumentar cada vez mais, tal como deveria aumentar a valorização da "diferença" de cada indivíduo enquanto portador de cultura. A discriminação racial e a generalização com ou sem base num julgamento de valor, não deveria, segundo a minha perspetiva, ser uma característica do nosso mundo.

V. Se...

Quando a diferença existe, muitas vezes é rejeitada e criticada, quando esta não existe a critica é direcionada à rotina, ao quotidiano, à vulgaridade e falta de originalidade e carácter.

Há dois grandes tipos de diferença, a física e a psicológica. Dentro de cada uma destas iremos encontrar variadíssimos tipos de diferença, tais como: a orientação sexual, a rejeição de valores impostos, crenças invulgares, rejeição da religião, entre outras.

No caso específico da orientação sexual, nos dias que correm, e embora nos "gabemos" de viver numa sociedade com liberdade e quase que, sem limites, todos os dias homossexuais questionam o que fazer. Viver na mentira sem sofrer uma rejeição social, ou realmente optar pelo caminho difícil, enfrentando os ditos "comportamentos normais" e socialmente vistos como corretos e construir uma vida demonstrando aquilo que realmente é e sente sem medo aos "olhos pejorativos" do exterior?!

Fácil será falar, não fazer, como o ditado diz e bem. Será que é justo afirmar amar alguém e colocar essa mesma pessoa numa posição tão desconfortável a ponto de magoar, isto é, obrigada de certa forma a viver também na mentira graças a uma mera cobardia pessoal? Incrível como até os indivíduos aparentemente menos prováveis se revelam capazes de viver com uma mentira durante anos... viver uma vida toda a esconderem o que são.

Justiça e igualdade de direitos não são de certo palavras que possamos integrar na atual sociedade, casos de xenofobia, racismo, preconceito e estereótipo predominam do dia-a-dia. Pergunto-me se a transparência da água poderá eventualmente ser comparada com a aceitação da diferença, e concluo que seria uma água turva. Por que razão ainda gera tanto motivo de discussão e tensão a homossexualidade? Talvez quem sabe, o senso comum reina neste século, e toda a parte racional desapareceu. Que razão contrária a esta encontraríamos para justificar o ar escandalizado de família em que um parente tem uma orientação diferente?!

Como é possível ainda se ouvirem nas ruas frases como: "A homossexualidade é uma doença!", "A juventude atual está perdida, pois os seus valores já não são conservadores." e ainda "Estes jovens de hoje em dia têm liberdade a mais por isso é que são como são.". Tais frases não deveriam ser ouvidas, pois nem deveriam ocorrer na mente de ninguém.

A verdadeira liberdade é definida de pessoa para pessoa, a liberdade relaciona-se com a hipótese de escolha que nos é dada, sempre foi, e sempre será... basta querer, daí surgir a diferença e suas variantes, porque é nos dada mais do que uma opção de forma a podermos ser nós próprios independentemente do que isso implica.

2009

I. Sem título

Sempre que passo por uma esquina

Anseio que estejas lá

Todo o tempo que passámos juntos

É o tempo que já mais esquecerei

Os dias vão passando um a um

Os meses vão passando

As recordações continuam presentes

Olho em meu redor

Mudei tudo, tudo mudou

As memórias não desapareceram

Tentei

Tentei esquecer tudo, apagar tudo o que me fazia recordar-te

Tentei fingir que me irias ser indiferente

Tentei acreditar que um dia iria olhar para ti como para qualquer outra pessoa

Fingi

Fingi para que não doesse

Fingi que não doía

Fingi ser mais forte do que realmente era

Fingi ser como o mar.... tentei convencer-me que nada me iria derrubar

Como foste importante

Como foste essencial

Como continuas presente na minha vida

Como estando distante continuas parte de mim

Porque sei o quanto magoa

Porque tenho consciência do significado da palavra 'sofrer'

Porque me conheço

Porque te conheço como me conheço (ou pelos vistos não!)

Porque tudo não passou de uma estúpida canção que só eu ouvi

Porque não fiquei com mais nada para dar

Porque me deste tudo, mas desse tudo falhou o que eu precisava

Eu tinha tantos planos

Eu tinha tanta certeza

Eu era tão ingénua

Como foste capaz de me desiludir

Daria a vida por ti

Daria tudo por ti

Nada deste por mim

Olhaste

Tiveste

Não aproveitaste

Gostava de ter pagado de outra forma a minha ingenuidade

Abandonaste-me

Fizeste-me acreditar.

II. Sem título

Sabes quando nos sentimos perdidos? Quando achamos que mais nada importa. Sabes aqueles momentos que nos questionamos: "o que faço eu aqui"? Tive e tenho tantos desses momentos, nem sei bem o que fazer comigo mesma.

Há tanto que te quero contar, fica sempre tanto por dizer, por fazer, por sentir. Fecho os olhos e lembro-me como se fosse exatamente neste momento que eu entrei na sala de casa do Ivo e te vi. Mal eu sabia que naquele dia, aquela noite iria ser muito mais do que uma mera saída à noite como tantas outras. Mas não, aquela noite não teve de todo o significado que todas as outras tiveram, muito menos quando no dia seguinte me telefonaste. Aceitei o convite de ir beber café contigo por uma razão aparentemente ridícula... naquele sábado quando os teus lábios tocaram nos meus, estávamos em sintonia, não tive de perceber a tua maneira de beijar, como te movias, como encaixarias em mim, foi natural e espontâneo. Diferente.

Sei que, estou longe de ser pacifica e de conseguir ter estabilidade, tenho variações de humor, tenho mil e um defeitos, sou ciumenta e possessiva, sou agressiva e bruta às vezes, consigo ser mal-educada, preciso de atenção, sou desarrumada, sou respondona, não gosto de acordar cedo, não gosto de me arranjar à pressa, não gosto que mandem em mim, tenho a mania que sou independente, gosto de me vestir de preto, adoro o meu batom vermelho, gosto de mimos, as pessoas na rua olham para mim de lado, sou esquisita para comer, falo imenso, tenho medo de bichos, não sou muito fã de desporto, sou teimosa, gosto de agitação e da cidade, gosto de ser diferente, sou viciada em imensas coisas, e tenho uma cabeça de merda. Mas gosto de ti.

Existem coisas que ainda não entendes em mim, sei também que não sou uma pessoa fácil e que por vezes complico o que é fácil, erro como toda a gente e nem sempre digo o que devia. Por vezes digo coisas que não devia e tenho atitudes impulsivas, sou frontal de mais e estou longe de servir de exemplo para algum ser vivo, mas tu completas-me.... fazes-me sorrir, fazes-me rir, fazes-me zangar, fazes-me amuar (muito raramente), fazes-me viver intensamente!

Não te entendo meu amor, tento, dou voltas e voltas, esforço-me...., contudo, não percebo. Entregar-me-ia completamente a ti se sentisse que me adoras como eu a ti. Sofri e sofro por ti, por não te ter, por algumas atitudes que tens e que para ti não têm importância, enquanto, para mim fazem toda a diferença.

Tenho presa na minha memória a imagem do teu sorriso (com esses dentes que eu tanto adoro), das noites a teu lado (quando o mundo em meu redor parece parar), o som das tuas gargalhadas (que me fazem sentir tão bem), os pormenores em que só tu reparas em mim, as tuas piadas (que me obrigam a fazer um esforço para não me rir e dizer-te que tiveste graça), os teus abraços (que me fazem sentir segura como nunca me senti), os teus beijos (que fazem tudo valer a pena). Quero sentir-te meu.

Nem sei bem o que escrever, o pensamento move-se mais rápido do que as palavras, e estas por sua vez fogem de mim. Custa ouvir da tua boca que acabou, mesmo sabendo que voltarás de certa forma...e se um dia nem chegas a voltar? Acho que nem nunca te tive realmente, porque apesar de te chamar "meu namorado" a expressão vai muito para além das palavras, onde tu nunca quiseste ir. Dói quando estou toda arranjada à tua espera e

dizes que afinal não vens, dói quando ficas sem me ver dias e dias por tua opção, dói quando sinto que tudo é prioritário menos fazeres-me sorrir, dói quando necessito de ti e tu não estás lá, dói quando sabes que vais estar imenso tempo sem me ver e optas por ir passar o fim-de-semana fora e não estar comigo, dói quando observo que não te afeto minimamente, dói quando não fazes o mínimo esforço para estar comigo, dói quando sinto que sou mais uma para ti, dói quando fico a olhar para o telemóvel na esperança que digas algo e apenas o silêncio me faz companhia, dói quando reparo que para a ti te chegam uns simples beijos de vez em quando e acima de tudo o que mais dói é quando dizes "gosto de ti" e eu vejo que pelas tuas atitudes não confirmam as palavras que proferes.

Quero ficar contigo, quero construir algo contigo, quero que tu também o queiras comigo, gostava que fosses apaixonado por mim, mas isso não se escolhe, não se impõe...acontece.

Se realmente estou errada (quem me dera estar), coloca o orgulho de lado e luta por mim, mostra-me que estou errada e não apenas com palavras, mas sim com ações, faz-me ver que sou eu quem tu queres e que tens a certeza disso, que me queres a teu lado, sempre.

E se me perguntarem se faria algo diferente, a minha resposta seria "Não".

Adoro-te, és qualquer coisa e importas.

III. C'est la vie!

Conformista ou não somos criticados na mesma, logo, qual é o nexo? Talvez não haja mesmo sentido e apenas andamos por aí a vaguear como almas perdidas.

Não percebo o desrespeito das pessoas para com os outros, a sobrevalorização do materialismo e da futilidade é algo permanente e que me incomoda, de certa maneira foi este o mundo que criamos e é no qual vivemos, contudo, alguns tomam, perante este facto, uma atitude conformista e até demonstram uma tentativa de integração em algo que não vale nada, porém, ainda existem algumas entidades que preferem serem elas próprias, na sua mais singela forma de ser, sentir, pensar e agir.

As representações sociais criadas por nós, indivíduos, são subjetivas. Tenho consciência que pertenço à minoria, como sempre, a sensação de solidão permanece por mais que me rodeiem, algo inexplicável ganhou vida no meu íntimo e ainda não consegui descobrir a melhor maneira de lidar com isso.

Porque será que todo o ser humano tem a necessidade de ser amado? Algo que não percebo por mais que tente, seria mais interessante se pudéssemos optar? Por excluir essa necessidade insaciável, quem sabe, poderíamos sentir e pensar de outra maneira. Há quem nem pense, vivendo na sua pura ingenuidade de existir, deixando que lhe passe ao lado, tudo o que lhe roubaria a ilusão de felicidade, o sentimento de integração e o absurdo da vida, se tal não sucedesse, o conformismo desapareceria e a revolta seria completa.

Revolta-te, vive!

IV. Já não quero nada,

Já não quero nada, já não quero que ninguém faça nada, diga nada... deixei de pedir o que quer que fosse.

Quero deixar de me sentir o fardo de tudo e todos, sinto-me um peso que as pessoas suportam nas suas míseras vidas. Estou como que, a mais, em relação a todos os que me rodeiam, uma boneca usada quando é necessário e rejeitada quando é a minha vez de dizer: "Ouves-me? Preciso de ti."

Enjoa-me observar as outras almas por que lutei e ver que nenhuma está aqui a abraçar-me, apenas isso, nada mais gostaria.

Não sei como a minha instabilidade é tão intensa, mas é e eu tenho consciência disso, viver frustrada por todo o motivo e mais algum, sem nexo para os olhares vizinhos, à parte do mundo, em busca de algo que não existe para mim.

Apanhei ar, fumei um cigarro que nem dos meus era, a sensação de me encontrar em areias movediças é forte, alastra pelo meu corpo e mente... estou a afundar-me e ninguém está lá para de atirar a corda e desviar-me dos meus hábitos antigos e nocivos para mim, oh sim e são nocivos.

Sinto que sou uma desilusão a deambular por entre sombras para os que me são mais queridos, torna-se repetitivo, estou cansada.

Todos acabam por se fartar, por desistir, por abandonar, esquecer e desaparecer...

Quero correr até o meu sangue escorrer.

V. E penso...

Se existem pessoas completamente sem nexo e ridículas, então eu serei uma delas.

Todos os dias, quando acordo e quando me deito, sinto vontade de desistir, cortar-me até doer tanto que deixo de sentir a dor dentro de mim.

Odeio promessas, todos as fazem, ninguém as cumpre, são apenas mais ilusões e desilusões. Sei o que quero, quem quero, também sei quem não me quer e quem não sabe o que quer, ou talvez saiba e apenas não tenho carácter suficiente, a cobardia é maior.

Neste mundo de merda, devo ter vindo de Marte, não por ser melhor ou pior que eles, mas sim, por ser diferente. Apetece-me acabar com isto de vez, já não quero gritar ao mundo, quero que deixem de me ver, acabar com o fardo de terceiros por terem de estar comigo, voluntaria ou involuntariamente.

Chego à conclusão de que já nada vale a pena, sinto que já só vagueio por aqui e por ali, sem esperança, sem rumo e sozinha por entre a multidão superficial. A minha vontade de existir neste momento é nula, inexistente, não sei porquê ao certo, apenas sinto que sou uma falha em tudo e no mundo.

Boneca por fora, aberração por dentro, é isso que sou, faço com que todos desistam e me abandonem.

Uma vítima serei? Não, as vítimas são os que me rodeiam e não têm mais nenhuma opção a não ser fugir.

VI. Sem título

Dói tanto, custa tanto... sofrimento, inerente ao crescimento, à evolução, à formação de nós próprios. A escolha, as escolhas são aquilo que nos define, para o bom e para o mau.

Tenho vontade de me cortar, ver sangue sair, sentir uma dor maior do que a que sinto dentro de mim... encher-me de comprimidos e esvair-me em sangue. Tento controlar-me, tento não gritar, tento não me fazer mal.

A confusão invade a minha cabeça, a minha alma dói-me, a indecisão atormenta-me, tudo o que tenho a ponderar, não consigo escolher, não consigo definir-me, sinto-me múltipla. Sinto que não sou nada, um esterco de merda ambulante, nada mais. A pressão da puta da vida e da merda de sociedade é enorme, mas acima de tudo, não saber o que quero pela primeira vez em toda a minha mísera vida é insuportável.

A minha cabeça parece que vai rebentar e espalhar os meus miolos pelas paredes do quarto, estou sentada na minha secretária a tentar expressar-me para o nada e coisa nenhuma, apenas o desespero da minha solidão, encontro-me perdida na multidão.

Quero-a, quero-a tanto, mas e o preço a pagar? Será que justifica? Ninguém me entende, nem o tenta fazer, nem o quer fazer! Cambada de egoístas, a começar por mim, a acabar na minha mãe, passando pela minha família e por todo o mundo.

Gosto dele, tenho medo de o perder, tenho medo de não arriscar estar com ela, tenho receio.

Porquê que ser eu própria implica tanto sofrimento, tanto desgosto à minha família, tanta complicação para o meu futuro? Questiono-me se não me estou a tornar mais um produto desta estrutura social, apenas porque é mais fácil, porque dói menos...

Sinto-me só como nunca senti, sinto-me perdida como nunca senti, não quero precipitar-me! Eu só quero alguém que me ame como eu o ame, apenas me quero sentir viva, sentir-me eu e ao mesmo tempo sentir-me bem e amada por quem me é próximo. Se calhar peço demais.

Encontro-me num sofrimento tal, ele está comigo, mas, ao mesmo tempo, não está, ela quer estar comigo acima de tudo e, eu? Eu não sei o que quero, quem quero...

Não tenho nada a dizer, réstia de bosta que estou para aqui a cantar entre o silêncio, as minhas lágrimas e os meus gemidos. Escrevo apenas para não me cortar, tentar fugir à vontade. Preciso de alguém que cuide de mim, não tenho ninguém, afasto todos os seres.

Um dia alguém importante me disse: "Tenho uma receita para ti: sê positiva, não dramatizes, explora ao máximo as pequenas coisas boas, saboreia lentamente as boas e vive um dia de cada vez. Como vês continuo aqui.". E eu pergunto, onde estás? Porque não me agarras e me prometes que vai tudo correr bem como sempre fizeste? Estou a crescer, bem sei, cortar o cordão, percebo, mas porquê que TU tinhas de ser como eles? Porquê? Porquê que me julgam? Porquê que ninguém me entende? Até tu vais desistir de mim.

Não me apetece estar aqui, o peso de existir é infernal.

VII. Liberdade

A nossa liberdade termina quando se inicia a liberdade do "outro". O conceito de liberdade parte de dentro de cada um é algo abstrato e indefinível.

Existem vários tipos de liberdade, a liberdade de expressão, como Sttau Monteiro em mil novecentos e sessenta e um, que recorreu a esse tipo de liberdade, ao escrever "Felizmente há luar!", a liberdade respetivamente à opção de escolha, entre outras. Contudo, vivemos em sociedade com regras, o ser humano infelizmente não consegue sobreviver sem limites, até que, por vezes, impostos por ele mesmo.

Por exemplo, a imprensa hoje em dia tem muito menos censura e a liberdade de divulgação é muito maior através da imprensa. Outro marco importante na História foi o sufrágio (o direito da mulher ao voto), bem como, a sua emancipação e o casamento e adoção para casais homossexuais em alguns países, foram grandes avanços na expansão da liberdade humana.

A condição humana, por ela própria, já impõe barreiras à nossa liberdade, já para não referir "peso" das estruturas sociais no nosso quotidiano.

Na minha opinião, a liberdade é uma ilusória utopia, o ser humano nunca será livre é algo inerente a si mesmo, necessita de barreiras, até mesmo para se superar a si próprio. A única liberdade que considero credível é o pensamento, algo que ninguém nos pode "roubar".

O saber conciliar a nossa liberdade, o nosso espaço enquanto indivíduo inserido numa sociedade, parte muito de uma questão de respeito, autonomia, partilha e educação, cidadania digamos assim!

A efemeridade da vida e a consciência da sua fugacidade, temáticas muito presentes na poesia pessoana, dão-nos uma diferente perspetiva até mesmo da liberdade. A consciência do absurdo da morte e da sociedade materialista e conservadora, em que vivemos faz-me desacreditar na liberdade, mas, como disse Fernando Pessoa, "tudo vale a pena quando a alma não é pequena".

2010

I. Mudança,

Porque o tempo não pára, mesmo quando sentimos que tudo muda em nosso redor, menos nós... Ora bem, sentimos "mal". A nossa realidade muda, o ser humano sofre alterações, as perspetivas alteram-se, os sentimentos dissipam-se e os objetivos tomam novos rumos.

Mente quem me afirmar que tudo passa com o tempo, nada realmente passa com o tempo, simplesmente este torna tudo mais suportável e menos intenso. É terrivelmente injusto um ótimo momento não deixar marcas igualmente profundas comparativamente a uma situação de sofrimento.

É tão curioso como a vida de uma pessoa pode alterar-se tanto em um mês, uma semana, um dia, uma hora... Alguém me disse uma vez que eu desvalorizo o tempo e que não lhe dou o crédito que tal merece, talvez não, ou talvez eu simplesmente não saiba viver descontraidamente e sem esta intensidade e impulsividade inerente a mim.

Sempre julguei que a vida não era complicada, o ser humano é que a complicava, no entanto, cheguei à conclusão de que existem, realmente, situações que nos ultrapassam, sofrimento que sentimos e que causamos, a quem mais gostamos, inevitável e inconscientemente e que, as relações humanas pressupõem: descontrole, intensidade, tempo (independentemente da sua duração), imprevisibilidade, partilha, confiança, amor e ódio. Porque, muitas vezes, as opções que tomamos deixam marcas para uma vida inteira; normalmente os planos não correm como previsto; as pessoas fartam-se de tudo até de si próprias e a genuinidade e veracidade são aspetos, cada vez mais raros de encontrar.

Questiono-me sobre a existência ou não de honestidade e fidelidade no ser humano atual, considero que estes dois atributos estão, igualmente, em vias de extinção, os indivíduos nem aos seus princípios e valores são fiéis, quanto mais ao "outro". É lamentável a magnitude com que todos nós somos influenciáveis, uns mais, outros menos, maioria ou minoria, quase não passamos do espelho da nossa, medíocre sociedade.

Sinto uma sede de hipocrisia e cinismo, chega até a crueldade, contudo, não consigo saciá-la, não me vendo, mantenho-me fiel a mim própria, entidades sem alma é o que não falta deambulando na multidão, recuso-me a ser uma delas, ontem, hoje, amanhã.

Para terminar e retomando a ideia inicial, o ser humano muda, é um facto, as perguntas a serem colocadas são meramente estas: será que muda para melhor? o que é considerado "melhor"?

2012

I. Sem título

Confesso que não sei muito bem por onde começar, faz tempo que não escrevo, faz tempo que não leio, faz tempo que o meu palavreado já não é o que era... Porém, reconheço a necessidade de escrever um apontamento que seja a transição dos meus textos, e respetivas fases prévias, para o atualmente.

É curioso como as controvérsias da vida nos revelam que nada é inabalável, que não devemos dar nada por seguro e muito menos sermos inflexíveis e ainda bem que assim é, é prova que progredimos, que crescemos e que aprendemos com as nossas experiências.

São inúmeros os sujeitos que se cruzam pela nossa vida, largando um fragmento deles e levando um trecho nosso com eles. É espantosa a nossa habilidade de fazer a diferença na vida de alguém, nem que seja por um segundo. É esse o propósito, a meu ver, da vida, dar e receber, marcar e ser marcado. Como que num minuto aquilo que era tudo, passou a ser nada e reciprocamente.

A vida não é formada de pretos e brancos, é composta por cores que os outros trazem com eles e pintam na nossa tela deixando reminiscências. Num ótimo filme ouvi uma das frases mais autênticas para mim:

'People change. Feelings change. It doesn't mean that the love once shared wasn't true and real. It simply just means that sometimes when people grow, they grow apart.'

Como 'diz' a canção, ninguém disse que iria ser fácil, mas também ninguém nos disse que seria tão difícil. Essa é a realidade, no entanto, é verdade que as pessoas complexificam, que as pessoas não se sabem levar e eu era e ainda sou um pouco uma dessas almas perdidas. Fica sempre tanto por dizer.

Hoje reparo que a felicidade, outrora tida como uma ilusão e inalcançável, é exequível, pois é possível ser-se feliz com algum caos interior, somente temos de parar e apercebermo-nos que isso faz parte de nós, o que nem sempre torna a nossa vida fácil, é uma particularidade nossa, a capacidade de pensar, ir mais além, a frustração, a ira, a explosão de sentimentos, a inevitabilidade da vida, os aspetos inerentes ao ser humano, a incógnita da morte, os 'defeitos' da sociedade, a confrontação... faz tudo parte. Ser feliz é viver, é deixarmo-nos levar, é amar, é sentir e é transmitir, como tudo aquilo que isso envolve.

A desilusão custa, dói e corrói, deixa marcas pensar que aquilo que demos por garantido e aquilo que construímos desapareceu tal como um castelo de areia é devorado por uma onda. Mudei. Julgo que se fez sentido não há que nos arrependermos, se não resultou foi porque não tinha de ser, todos fracassamos mais cedo ou mais tarde, a perfeição essa sim é uma ilusão do Homem.

Respeito meus amigos, tolerância é o que peço a todos enquanto eu própria me esforço para o ser com o outro.

Releio os meus textos e averiguo, mais uma vez, o quanto a vida é uma arte e o quão bonito é a nossa capacidade de nos adaptarmos. Algumas dúvidas ainda persistem, outras dissolveram-se, outras estão a ser trabalhadas.

'C'est la vie say the old folks, it goes to show you never can tell.'

A vida é a melhor incógnita, mesmo que, por vezes, dê comigo em doida varrida. As pessoas mudam por si mesmas e pelas inevitabilidades na vida, os nossos objetivos modificam-se e a nossa perspetiva tem variações conforme o tempo e o espaço.

Não é simples viver em sociedade, seja ela qual for, todas têm arestas a serem limadas, todas detêm indivíduos díspares, inacabados, dececionados e complexos, todas têm pormenores, tal como cada ser.

Quero mostrar a quem amo que é possível, que não sou a desilusão que gritam, que vale a pena, que valho o respeito e que respeito para o merecer. Quero mostrar-nos visto que é esse o sentimento que me conquista intensamente. E sim, tenho medo de cair, receio do mundo e do que nos espera a todos, contudo, quero sentir, logo é um risco que decido correr.

Apanho os pedaços que se partiram e construo-me novamente, mais uma vez e tento que seja para melhor pois é esse o meu objetivo. Aprender a conjugar sem excluir. A minha decisão é não escolher e é tão válida como qualquer outra. Eu não tenho de escolher, eu quero continuar a sorrir e nos momentos em que tal não acontecer incentivar-nos a dar a volta, lutar por mim, por nós.

O passado faz parte e vai sempre fazer, o presente é vivido e o futuro construído. Não devíamos agarrarmo-nos aquilo que nos entristece, devemos chorar a seu tempo e depois continuar a tentar. Não sermos tão quadrados e alargarmos os nossos horizontes já que há tanto por avistar, tanto que podemos conhecer e o facto de existirem indivíduos diferentes de nós não quer dizer que eles estejam errados e nós certos, ou inversamente, denota apenas que somos diferentes e que ambos podemos partilhar.

Não sei como terminar este texto pois ele não tem, na realidade, um fim, é uma história em aberto por mais pontos finais que utilize. Tal como a vida é uma palete constituída por múltiplas possibilidades, o caminho vai sendo traçado.

2020

I. Arte

Arte é tudo.

Arte é a maior verdade e o mais puro amor já sentido.

Arte é inquestionavelmente difícil de definir, está em toda a parte, está em cada um de nós, está nas nossas atitudes, na energia que emanamos e nas palavras que proferimos.

Arte move massas, movimentos marcam gerações e momentos contribuem para a evolução social inevitável.

Salta-me do peito a arte de querer viver, de querer criar e de querer sentir.

Arte é experiência, é estética, é tudo o que de melhor tem este mundo para oferecer.

Se te disser que a arte não é aquilo que me faz abrir os olhos todos os dias, estaria a mentir. É tudo o que mexe comigo e está presente em todas as pequenas partes de mim que vou deixando por aí.

Arte é vida.

II. Contraste

Até onde vai o amor?

O que é o amor?

Ninguém nunca pertence a ninguém, ninguém nunca confia totalmente em ninguém, ninguém se entrega completamente e ninguém morre acompanhado.

As barreiras constroem-se quando sozinho, são mutáveis e vão se alterando com a vida.

"A minha liberdade acaba quando a do outro começa", alguém deveras perspicaz disse isto, num dia qualquer, numa altura qualquer, sobre uma circunstância qualquer.

As nossas fronteiras quando confrontadas com as do outro abanam, tornam-se questionáveis e entram em conflito interno. Conflito esse que nos coloca sobre uma pressão iminente para descobrir até onde viajar, até onde mostrar e permitir sentir.

Atentemos agora às bases de uma casa, uma construção simples, humilde, executada com cuidado. A casa tem obrigatoriamente de ter bases, de ter alicerces, de ter estrutura.

Uma flor, uma planta, para sua manutenção e sobrevivência terá de ser regada, tratada, podada e rodeada de boas energias.

Uma relação, qualquer que ela seja, porém, neste momento, falamos de uma relação amorosa, esta também é uma casa, cujos alicerces (constam) ser a comunicação, a confiança e o respeito. Igualmente terá de ser mantida e para isso a manutenção passa pela alimentação da mesma, através da constante lembrança de que nada é garantido e nada deve ser dado como garantido.

Na perca de alicerces, o que fazer? Será exequível recuperá-los? Reconstrui-los? Ou devemos pura e simplesmente destrui-la e perder toda a esperança?

Ouvi os estilhaços no chão, ela caiu, partiu-se em mil pedaços. O que foi? Gritei. Ao que o horizonte me respondeu: "Foi a confiança".

III. Sem título

Se há coisa que me ensinaste foi a amar. Amar incondicionalmente, amar sem limites e contra todas as fronteiras. Que hipócrita desistires de uma filha, da tua filha, da tua única filha. Como és capaz? Talvez seja agora que precise mais de ti, que o bater do teu coração seja mais necessário. Mas não, os problemas são demasiados e tu preferes olhar para o lado. Preferes seguir com a tua vida, seguir sem mim. Sem mim. Entraste no barco e deixaste-me na costa. Abandonaste-me. Magoaste-me. Crias-te e abriste uma ferida sem fim, sem fundo. Tão profunda que nem sei como lidar com ela. Com tudo o que disseste e fizeste. Como se lida com a morte de uma mãe? Uma mãe.

Julgamos sempre erradamente que há uma pessoa no mundo que estará sempre a nosso lado.

Isto é tão errado. A vida é tão conturbada. Tão difícil.

Dói tanto. É uma dor inexplicável, é uma dor demasiado grande para caber no peito.

Apesar de todas as divergências, nunca, mas nunca, mas nunca e volto a referir, nunca esperei tal coisa.

Sonhei que um dia irias ensinar-me a ser mãe, ajudar-me com a Violeta.

Supostamente a família para ti é o mais importante. Supostamente.

Eu desapareci e tu foste embora, viraste costas. Viraste-me costas. Viraste costas quando mais eras precisa.

Sinto falta do teu cheiro, do teu abraço, do teu beijo e do bater do teu coração.

Sinto saudades das nossas viagens, dos nossos programas e das mil e uma recordações que invadem constantemente a minha mente.

Bem que o Fernando me avisou que estamos realmente sozinhos, que nascemos e morremos sozinhos. Porquê que não lhe deu ouvidos?

Querido Fernando, és a minha eterna companhia.

Pai que não é pai, mão que foi pai e mãe. E agora onde estás?

Onde está o carinho prometido?

Será que o orgulho é maior e sobrepõe-se a tudo?

Não é suposto TU partires.

Não é suposto acusares-me em relação aos avós, dizeres que me tiras a Ophélia.

Não é suposto quereres que avance quando me recordas constantemente do passado, dos erros, das mentiras, das minhas falhas e dos meus pecados.

As paredes não têm ouvidos, nem boca para falar.

Um dia irei contar à Violeta todas as nossas aventuras e como foste o meu modelo sempre de mulher, de mãe, profissional e como eu te admirava por tudo o que és. O orgulho que tenho em ti.

Ensinaste-me a lutar, sem fim.

Ensinaste-me a amar e a não julgar. Ensinaste-me a ser melhor, a ser humana e a dar o melhor de mim. A ser independente e a olhar para a frente.

É isso que vou fazer.

E doí-me que não estejas lá, não estarás lá porque eu não perdoarei todas estas palavras e ações. Parte de mim morreu. Morreu hoje.

Uma parte de mim hoje partiu. Desapareceu. Não voltará pois nunca me esquecerei. Nunca me esquecerei do que dizes de mim, do que sentes por mim, do que não fizeste por mim. Não me esqueço.

No futuro, quando estiver bem, voltarás atrás. Acredita. Voltarás a querer fazer parte da minha vida, porém lamento. Quem merece estar presente no bom é porque não me abandonou no mau.

Cortes, cortar para não sentir, para ignorar tudo e todos porque dói tanto que não suportas a dor, estás perdida e sem rumo.

Sem rumo.

Tudo se trata, tudo passa, tudo se trata, menos uma coisa. A facada de uma mãe. UMA MÃE!

Não sei o que é ser mãe e muito menos o que tu já sentiste com tudo o que já fiz na vida, de bom e de mau. Não sei. Não faço ideia. Mas partires? Partires?

Logo que estiver bem, irei trazer a Ophélia. Podes ter a certeza. Garanto-te.

Como é isto possível?

O teu coração morreu, morreu parte dele pois não há outra razão. Não há.

Como foste capaz?

Como é que és capaz disto?

Grito calada, grito ao mundo que a minha mãe partiu. O meu peito está cheio, cheio de desilusão, de dor. Sinto um aperto no coração, custa-me a respirar, custa-me a falar ou a sentir seja o que for.

Sentir tornou-se diferente, tornou-se difícil.

Foge, foge de mil a sete pés, foge porque nunca irei corresponder à filha que sonhavas, foge porque sou demasiado problemática, foge às questões, foge às palavras e aos olhares. Foge.

Continua a correr e não olhes para trás, quando olhares não estarei lá.

Tudo mudou a partir de hoje, nunca mais será igual, nunca. E nunca é muito tempo.

Tempo que não temos, não temos tempo porque ele desaparece entre os nossos dedos.

Só temos uma vida, uma para fazer aquilo que quisermos e que conseguirmos.

Uma vida para viver e saber viver.

Nunca estive interessada em apenas existir, nunca fui igual à maioria, nunca me encaixei em lado nenhum. Sou diferente, sinto de forma diferente.

És a maior desilusão da minha vida. E como? Tu és a minha heroína, quem me cuidava dar feridas quando caia, quem brincava comigo ao capitão tacho e quem me mostrou a arte. A arte de aguentar tudo, a arte do amor e da vida.

Se me ouvisses a falar de ti, se tivesses ideia do quanto eu te amo e do quanto importante és para mim. Tu nem imaginas. Tu não fazes ideia. Tu não tens noção.

Farei 30 anos e não estarás lá, será Natal e não estarás lá, decorarei a minha futura casa e não estarás lá...

Onde estás mãe? Onde estás que eu não te vejo? Para onde foste que eu não te encontro entre a multidão.

Tu eras a mais diferente de eles todos, a mais especial, a intocável.

2021

I. Começar

Hoje estou de luto, deixo tudo para trás, rendo-me e entrego-me.

Hoje é o dia em que ela fica no passado para eu descobrir quem sou e ter um futuro diferente, melhor.

Procuro dias bonitos, sinceros, honestos e sentidos sem alterações, sem misturas, sem adições.

A adição é uma soma, juntar algo. Foi o que fiz durante anos, adicionei algo a mim até deixar de ser eu, até me ter transformado em algo no qual não me reconheço e que é pejorativo para mim, para a minha vida e para os meus.

Esta dimensão onde permanecemos, onde nos é dado um corpo para a nossa alma, para a nossa consciência poderá ser um inferno ou um céu, dependendo dos caminhos que escolhermos.

A canção diz que vamos sempre a tempo de mudar de estrada e seguir por outro lado. É o que estou a fazer. Lutar por algo maior, maior a mim, algo superior a tudo e todos, lutar pelo amor.

Uma pessoa especial explicou-me que no dia em que formos buscar aquele bolo especial apenas para o nosso lanche e não porque vamos receber alguém em nossa casa, esse é o dia em que começamos a amar-nos. Eu quero ser essa pessoa, que compra o bolo apenas para e por ela.

Rasgar com a nossa vida não é tarefa fácil, a ajuda e o apoio são essenciais. Porém nada é mais crucial que a nossa própria vontade, a nossa sede, a nossa garra.

Se eles conseguem, eu também consigo.

As dúvidas, as expectativas e o receio enchem-me a cabeça e a preocupação normal instala-se. No entanto, não há para onde regressar, não é possível olhar para trás e recuar está completamente fora de questão.

Por isto tudo irei render-me e entregar-me, a algo superior a mim, a algo exterior a mim, a algo melhor do que eu.

Por isto tudo irei confiar naqueles que passaram pelo que eu passei, enfrentaram e conquistaram um lugar que quero atingir.

Para um dia, voltar para os braços da minha mãe.

Para um dia ser eu esse abraço e bater do coração para alguém.

II. Diário de bordo

A verdade é que a vida nem sempre é justa e prega-nos partidas valentes, tramadas e desafio do arco da velha.

Tudo aqui nesta aventura é uma decisão e tomá-las não é pera doce. Tudo tem consequências.

As horas passam, bem como os anos e nem damos a dada altura por eles.

Nunca foi tão difícil, nunca a sobrevivência literal foi uma condição.

A sensação de perder tudo é avassaladora, a mente vagueia para longe em devaneios profundos.

As necessidades básicas e os pormenores ganham uma dimensão desmesurável, mais do que o bater do coração aguenta.

Algo como um banho e o conforto básico de ter um teto e um espaço no nosso, a nossa intimidade perde-se e com ela a vergonha. A rua passa a ser a nossa casa, o local onde nos vestimos, onde fazemos as nossas necessidades, onde escovamos os dentes, o lugar onde dormimos. A meteorologia não é amiga por vezes, mas o nosso corpo habitua-se ao desconforto, às quebras de tensão e ao frio. Afinal, somos camaleões e sobreviventes.

Quando tudo parece perdido e uma bola de Berlim com creme (sim, com creme!) nos faz o dia ensina-nos a valorizar a vida e obriga-nos a sentir tudo a quente, a frio, como se de uma chapada de luva branca se tratasse.

Apetece-me cair no sono e no sonho e não acordar mais, estou exausta de tanta luta.

Sinto falta do sangue a escorrer-me pela pele e estou cansada de sentir tudo tão violentamente.

Torna-se imprescindível fazer do nada o tudo e do pouco o imenso.

Nada como a experiência de uma vida não é verdade?

Porém como ele sábio dizia, 'tudo vale a pena, quando a alma não é pequena'.

Um gelado pode ser o melhor pedido de desculpas e demonstração de carinho quando um dia é realmente terrível e o abraço transforma-se na verdadeira casa que tanto procuramos por aí.

III. O AMOR ESTANQUE

"Ninguém é quem queria ser", gritava Manel.

Será essa a veracidade que nos atormenta?

Tentando desconstruir o conceito de amor, o que resta? O que fica de realmente nosso? O que vai para além da nossa necessidade de aceitação, de ser amado, de nos sentirmos vivos à mercê de outro ser?

Abordemos a conceptualização de um ser altruísta. Altruísta é aquele que pratica uma ação em detrimento de terceiros e não em busca de uma satisfação própria, mesmo que inconsciente das suas vontades.

Não seremos todos seres um tanto ou quanto racionais que se movem por interesses súbitos ou prolongados de um desejo quase platónico de justificação da nossa existência?

Paremos um segundo para sermos verdadeiramente honestos com o nosso intrínseco self.

Importa atentar ao habitus, à ideia pré concebida de que toda a panela tem uma tampa e de que para cada um de nós existe um amor incondicional, sobrenatural e de valor absoluto. Desde pequenos que crescemos e somos bombardeados com a ideia longínqua de procurar alguém, de encontrar "a" pessoa.

Sejamos realistas, sejamos racionais, sejamos imperativos no nosso discernimento. Que conto de fadas é esse?

Que noção de amor é essa que nos mantém eternamente insatisfeitos, que nos mantem constantemente em busca de algo que é meramente devasso e até provocativo confrontado com o sentimento amor?!

Amor transcende um ser humano, um ser irracional, transcenderá a lua e o sol, as flores a brotar e vento por dentro dos nossos folículos capitares.

Amor deveriam ser 5 minutos com ou sem espelho (pouco importa) de introspeção diária e contemplação da nossa existência. O que te faz chorar de alegria? Conta-me. O que é que te emociona? Pode ser a mais singela característica.

No meu mais profundo intimido creio que o essencial para saber amar começa por saber amar as nossas cicatrizes.

Não entendo esta deverás inacreditável obrigação de nos moldarmos a uma outra sombra que não a nossa para combater o nosso receio pela morte, pelo abandono, pela solidão.

Falemos de solidão, enquanto tantos outros deambulam, sem saber o porquê. O quê que te move? De que cor é o teu sangue na tua imaginação?

Relembremos Satre e os existencialistas, preocupemo-nos pelos direitos de qualquer existência e pela nossa.

Esta é uma ode, uma ode ao Fernando e à Ophélia, que tanto saborearam deste sentimento anteriormente mencionado e que tão pouco o usufruíram.

"Dizem que tu és pura como um lírio
E mais fria e insensível que o granito,
E que eu que passo por aí por favorito
Vivo louco de dor e de martírio".

Meu querido Cesário, meu querido Garrett e Camus, embarquem comigo nesta viagem.

Escorre.

IV. Untitled

That red all over the floor

Such beauty and delicate flower

That elegance until the end

Death being art

A type of dramatic loneliness

No road to turn back

The limits finally were defined

A decision was made on that last breath

Nothing to lose

No home with be destroyed

The time will pass by as the leaves touch the ground

That palette of colours

The reflection of the sun at that pale skin

The blueness appears against all that reddish

Write the hour and date on that little notebook

Nothing will change

No story to be told

The vinyl plays slowly while the needle reaches the inner circle

A broken heart left this land tonight.

V. Solitude

That brief second when you just stop

Vertically in the center of the crowd

All that shadows go around and around

You can feel the loneliness

The unbearable weight of existence

The chaos within trying to break through

To live or to the be a sheep amount the rest

That wave moving

For a while you unleash a breath

It's overwhelming

To swim against the shoal

The heavy rock on your back

The action of being

You just cut those ropes

Nothing really stays

Forever is a storybook

The acceptance becomes the freedom

And when the curtains close

You see yourself again

VI. Querido,

Vamos indagar sobre o elefante na sala.

Nem sei por onde começar, há tanto para dizer.

Vou tentar pelo início, dizendo primeiro que sinto sempre ter procurado problemas, ansiado por pessoas problemáticas e agora, desta vez, deparo-me com um problema real, meu.

Isto é tão injusto a tantos níveis, para nós todos. Para eles, sobretudo para ela.

Começa por algo tão inocente, que não o é, benevolente, simples, divertido e fácil. Como é que se torna neste monstro devorador de almas, de cabeça e de corpo?

Não escrevo na esperança de ajudar ninguém, muito menos para delegar culpas ou justificar atos.

A verdade é que não sei o que fazer comigo.

Fernando, as vozes são tantas.

Sei que sabes o que menciono.

Saudades de saber o que é sentir.

Vai demorar tanto, mas tanto até isto passar. Sei disso.

Lembro-me do convite dela para ir à casa de banho, recordo-me como se fosse hoje. Disse que sim, a porta fecha-se e o traço surge. Aquele primeiro traço que dura uma noite, que te deixa com tiques nas mãos, a falar desalmadamente e que te faz sentir capaz de tudo. Nesse momento todos os teus pensamentos desaparecem, a tua personalidade funde-se com um superego, um self desmesurado e uma força interior que nunca experiencias-te.

Os anos passam e pouco pensas no assunto, aparece por vezes, através daquilo que chamas amigos por desesperadamente querer pertencer a algo ou a alguém.

A noite obscura acorda e quando dás por ti, o que era esporádico agora é mais frequente, torna possível aguentar o inimaginável e suportável o que te custa aguentar. As pessoas. A solidão.

Dás um passo em falso e com ele as tuas primeiras notas. Não de música infelizmente.

Pensas para ti, é a dividir, é companheirismo, é amizade, é partilha, é experiência... Nem por um segundo te passa pela mente que se está a alastrar em ti como os tentáculos de um polvo. Que se está a entranhar nas tuas mais profundas entranhas. Sim, redundante, será?

Não é.

Dás por ti numa teia de mentiras, a primeira custa, a segunda faz te refletir, a terceira cospes naturalmente como se te estivesses a convencer-te.

A manipulação vai-se desenvolvendo como se de um quisto se tratasse. Daqueles que não dás por ele até ser tarde de mais.

Foi tarde.

É tarde.

O teu corpo já não é teu. Olhaste ao espelho e não te reconheces. Quem é aquela? Mascaraste tão bem que uma vida dupla nasce.

Dizes para ti: não é grave, é só para poupá-los.

Não é, é para te poupar a ti de pensar na questão, para não ouvires o que não queres, para teres de lidar com o problema. Sim porque nesta fase já te apercebeste que algo se passa.

Paras e olhas para trás.

Mais de sete vidas se passaram.

Tantos foram os momentos em que não quiseste saber, em que nem sabes como foste poupada ou por que raio não te deram uma facada ou pior.

Vi o pior de nós.

Vi bondade.

Vi até onde podemos descer e o limite só pára na morte.

É sujo, pegajoso, tremulo e alucinado.

O que fazer quando aquilo em que mais acreditas é aquilo que mais te assusta e que menos nutres por ti?

Como que numa canção de embalar, foste na cantiga e agora estás amarrada por ti mesma. Onde começas tu e termina o resto?

Agora uma decisão foi tomada.

Finalmente conseguiste acrescentar algo. Por fim não foste pelo caminho mais fácil. Não pegues na faca, não penses na lâmina, não engulas os comprimidos.

Estás assustada e nem tiras o tempo para sentir ou pensar nisso.

Agora vai, desemerda-te.

Faz de ti uma mulher.

Fernando, onde andas tu, como foste capaz?

O que vem aí?

Fernando, será que tu me vês?

Avô será que tu estás realmente aí a zelar por mim?

O que será de mim?

Esperava estar tão longe por esta altura, tão distante daqui, deste buraco.

Deste buraco negro onde me encontro por areias movediças. Onde parece que por mais que me mexa, mais me afundo.

É real.

É tão real.

Acho que ainda não cai em mim o quão real é.

Raquel, meu doce, vai doer como nunca doeu. Se achas que dói agora, nada se compara ao que irá doer se quiseres sair desta merda. Desta vez fizeste da boa.

Mãe, desculpa.

Mãe, eu ainda estou aqui, bem no fundo, mas eu ainda estou aqui.

Mãe, perdoa-me todas as mentiras, todas as palavras feridas. Todos os traços desta vida.

Mãe, se tu soubesses mãe.

Dava tudo para te dar outra hipótese, outra filha, outra vida. Aquela que tu mereces.

Se eu pudesse voltar atrás.

Se o tempo volta-se atrás.

Mãe, estou petrificada.

Sempre viste nos filmes e idolatraste manicómios, doentes, desequilibrados.

É a tua vez.

É a tua vez de viveres o papel que sempre quiseste, porém, agora, davas tudo para não ter.

Mãe, vou dar-te sorrisos. Vou ser o melhor que mereces.

Custa tanto, a luta é tão grande. É desmesurável.

Que vontade de arrancar o coração para ver se ele ainda bate.

Bates?

Bate.

Por favor, bate. Bate com mais força do que nunca bateste antes. Bate como se a tua vida depende-se disso, pois depende. Bate dali para fora. Bate esta merda para fora do teu corpo. Bate por amor. Bate por ti.

Por favor, bate.

Bate pela Ophélia.

Ganha coragem para de uma vez por todas seres tu, enfrentares o mundo como ele é, enfrentares-te a ti. Faz-te frente. Contraria-te. Arranha paredes. Trepa. Grita.

Enche os meus pulmões de ar e apetece-me realmente gritar.

Gritar comigo, gritar com todos, gritar com o mundo que é injusto. Não, o mundo pode ser injusto, no entanto, desta vez, quem foi terrível para ti foste tu. E sim, fui eu.

Fui eu quem escolheu isto, quem merece isto, quem vai lutar contra isto.

E como se luta questiono eu. Não faço ideia. Só sei que não posso perder esta luta.

Esta é a primeira luta da minha vida a seguir a nascer.

E eles quiseram tanto que eu estivesse aqui, é isto que faço com a vida que me deram?

Todo o pó do universo não serviria para demonstrar o quanto eles me quiseram aqui. O quanto eles lutaram para que eu vivesse.

É um privilégio Raquel.

És uma mimada, privilegiada. Pirralha de 30 anos. Quase 30 anos de existência e o que tens para mostrar? O que fizeste contigo? Em quem te tornaste?

Onde estás, Raquel?

Podia ter tantas histórias bonitas para contar, invés disso tenho uma coletânea de falhanços, de desamores, de farrapos.

Ninguém vai querer o que nem tu queres.

Esta é a minha história.

Caótico tem sido o caminho.

VII. Sem título

E se o tempo parar e o cheiro a terra molhada permanecer no encanto deste luar em que nada tens a temer.

E se esta mão pela minha pele deslizar e ao devagar me aquecer o interior, excitando o exterior e enaltecendo os vales deste corpo.

E se quando nada parece merecedor de mostrar, declamar ou ouvir, devido ao receio e a blasfémia nefasta se torna relevante para alguém.

E se ao arriscar cair de tropeção pelas escadas abaixo, direito ao alpendre onde consta o cavalete que guarda uma panóplia de histórias.

2022

I. O Poeta – Dionísio

Ele emerge em mais uma das inúmeras noites de insónias devastadoras e no meio de um rodopio de frases, pensamentos e analises comparativas.

Dionísio, de nome peculiar e histórico, apresenta-se como alguém geométrico, recheado de arestas e linhas com princípio e fim.

Um ser lógico, racionalizando emoções, alocando conceitos em chavões e pragmático.

Um mistério envolve-o como se de uma neblina se tratasse. Talvez um Dom Sebastião que surge na penumbra?

Nunca antes pensado, torna-se irresistível compará-lo a Gisela. Esta que por sua vez se estende a um plano físico, quase que uma encarnação no tempo e no espaço falando de dimensões quânticas. O Poeta, faz uma entrada sem igual, literária, no papel, nas palavras.

Relativamente a ações agora tendo em conta a existência de Dionísio, reconheço-o em momentos vividos, não tão nitidamente como Gisela, porém, ele já detinha o dom da retórica, a frieza na ausência de empatia e na dureza dos gestos. Um tiro certeiro concebido por um arco e flecha.

Gisela não. Ela que usufrui da dádiva do esquecimento em prol dos seus devaneios obscuros, promíscuos, agressivos e carnais, jamais atingiu o nível de clarividência de Dionísio.

Semelhanças, a manipulação crónica, a insatisfação latente e a procura eterna de adrenalina. Até onde é exequível um ser humano sentir e experienciar? Qual a intensidade máxima? Onde estão os limites das emoções?

Tudo soa a um esquema sem planeamento, com pontas soltas e portas por fechar. A corrente de ar levanta fortemente as folhas de mapeamento da mesa e espalha-as pelo ar, uma desordem tal que não haveria quadro mais perfeito para espelhar o caos que por aqui habita.

São tão enigmáticos os rasgos de carência de memória que no meu cérebro permanecem. Oh! Poeta, virás tu trazer certa desmistificação dos espaços em branco que para mim aparentam intoleráveis de rememorar?

Faz tempo que não a vejo. Interrogo-me sobre o seu paradeiro. Na verdade, nunca fomos devidamente introduzidas. Já Dionísio, fez questão de enaltecer o seu nascimento. Individuo pouco humilde, como ela, se me permitem a observação.

Ele elitista de gema, ela desesperada por uma gota de atenção neste oceano mundano. Intersectam-se.

Assumo que no jogo da vida dita real ambos perderiam.

A sedução essa é-lhes inata e inevitável.

A toxicidade é quase palpável e o rastro de devastação indubitável.

Venderam a alma ao diabo.

II. Untitled

Now, seriously,

That kind of charming look

Just spits all the true

Underneath those red bricks

Lies on the tastiest metal heart

The kind of flavor which stays

Our tongues have never met

Oh pretty shiny thing

I've heard your song many moons ago

There's no surprise in this room

Like touching velvet for the first time

We both already know the game

The table is set and well placed

Don't give me that look

Don't say what you think I wanna hear

Don't pull that same old move with me

Let's just be

Allow the emptiness to flow just as a wave

Don't curse the world anymore

Smile with your eyes to the sun warming your face

The chill will come soon

III. Yesterday

Naquela janela

Onde batem os pingos da chuva

Vagueia uma alma atordoada

As pétalas enriquecem de cor a madeira da cómoda

As páginas desalinhadas e manuscritas dão conta do chão

Fragmentos de uma essência perdida

Um cheiro a casa que se perdeu no tempo

Assola a liberdade da solidão

IV. A última carta

Não restam despedidas a fazer

Nem suplicar o imperdoável

O peso tornou-se demasiado

A luz perdeu-se

É um beco sem saída

Acreditem que ainda consigo amar

Sinto tanto e tudo de tantas formas

Aprendi com os melhores

Por vezes o sacrifício é crucial

Para das cinzas renascer felicidade

O sofrimento levou-me tudo

Vivi muitas vidas nesta

Lamento ser isto

Lamento restar-me apenas isto

Por favor, sorriam ao sol e à lua por mim

Honrem a arte e a beleza que vos rodeia

Pelo meu coração, dêem-lhe o que eu não fui capaz.

V. O sonho

A minha mente vagueia nas tuas palavras

Quando sorris com o olhar

O abraço que nunca senti

Realidade tão intensa esta nossa

Perco-me no meu imaginário

Onde a tua existência é inerente

O tempo pára e o apreço pelo inexplicável surge

O sabor da ausência de controle

O palpitar emerge intensamente

Aprendo a esperar

Incessantemente desejo

Adormeço na esperança de uma data

VI. Uma tarde

Ela canta de pulmões fora do peito
Dança de pés descalços no alcatrão
Crava os seus mais íntimos sonhos numa árvore

Deitada na relva molhada
A brisa toca-lhe a face
A respiração é ofegante

Os raios de sol penetram na pele queimada
O brilho dos seus caracóis evidencia-se
Há ternura naquele olhar

Foge comigo sussurra ela
Para onde? Questiona-lhe
Para onde a felicidade nos levar

O segundo eterniza-se, aquele antes dos lábios se tocarem e o calor do corpo se unir

VII. O nosso amor

O nosso amor é infinito no tempo e no espaço
Não há dimensão na física quântica que o defina
O nosso amor é peculiar, estranho, intenso, cru
O nosso amor não é de todo vulgar
O nosso amor é o desafio de uma vida partilhada
É felicidade e sofrimento incomparável
É uma constante mutação e aprendizagem
Não te trocava por nada nem ninguém
Para ti a lua e pouco e o universo não chega
Honra a minha neste pequeno e curto trajeto poder pavonear me de mão dada contigo.
Viver contigo é arte é um constante lapidar das minhas arestas sem fim.

VIII. Inquietação

Ele surge como que um cavaleiro no dito cavalo branco
A vontade de viver emerge ferozmente
O sentimento engole-me
O meu corpo voltou a casa

O cheiro do seu pescoço tira-me o chão
Respirar ganha outra alegria
Uma sensação de sonho paira no ar
A luta encontra o seu propósito

O impossível desvanece
O certo e errado fundem-se
Sou inundada pela força indescritível do amor
Que orgulho e inspiração é esta?

IX. Sem título

Este sobressalto que me assolapa
Este enigma infinito
Um quebra-cabeças quebra-corações
Já coloco em causa a própria razão
Para onde foi o meu discernimento?

Obceco
Oh! Que segundos tão demorados estes
Que dias tão morosos

Arre, este impulso descontrolado em fantasiar
Não tenho mãos a medir para tamanhas expectativas
A inevitabilidade da projeção acerca do futuro

Aqui, aqui não há bola de cristal
Não há contos de fadas
Não há certezas
Não há cinzentos
Não há espaço para monotonias
Incita-se a espontaneidade, a criatividade e o sentimento
Incita-se a expressão, a retórica e a demonstração

Respiremos.

X. E.

Nem todas as formas de expressão juntas conseguem atingir o propósito de descrever este sentimento

Este sentimento que se apresenta em cada átomo e partícula
Este sentimento para o qual o tempo, o espaço, a luz e o som ficam aquém

Moro contigo e dou-me a ti neste lugar só nosso sem definição

Quero-te como se fosses um órgão vital que retiraram do meu corpo nu

És a extensão da minha existência e a minha cicatriz mais profunda, mais bonita

No meio da complexidade e instabilidade, fazes-me acreditar que mereço a felicidade

Em ti observo valores nobres,
Observo uma humanidade jamais encontrada
Observo uma imperfeição estimulante

Temos sede.

XI. Menina e moça

Ora, atenção, atenção!
Vamos lá ver esse mau feitio,
Olhe que assim não há homem que a ature!

Ora, atenção, atenção!
Isso não são modos de se sentar, de se comportar, de andar despida!
Uma menina deveria ter mais pudor.

Ora, atenção, atenção!
Agora veja bem para o que lhe deu,
Anda para ali com uns e para lá com outras.

Ora, atenção, atenção!
Este meu coração não aguenta tamanha desilusão,
Haja piedade e se me amar fará o que digo.

Ora, atenção, atenção!
É que não me faltava mais nada,
Agora deu-me em agarrada.

Oh, menina, que falhada me saio!

XII. O navio

Oh veleiro que embate na espuma desta maré,
Incerto encontra-se o céu tal como o destino,
As escrituras esvoaçaram de boca em boca,
Qual o rumo a tomar?

Tem calma, não te apreces,
Dizem uns,
É melhor pores-te a caminho que já se faz tarde,
Opinam outros...

O Homem do Leme declama que quem lá vai nada teme,
Será verdade?
Ou blasfémia?

Trago pela mão uma mala cheia de nada,
A cabeça?
Essa transborda do copo,
Não há copo que lhe chegue,

Naufragou.

XIII. Castelos na areia

A maré veio sem avisar
Que morosa foi a construção daquele bonito castelo
Oh esse exigente de uma delicadeza invulgar

Não há qualquer vislumbre da sua existência
Desapareceu num segundo inexplicável
Permanece a memória fotográfica do que poderia ter sido

Na verdade, o cuidado não foi de todo o suficiente
A distração imperou e os danos foram deveras fatais
Edificação merecedora de mais carinho e dedicação

A areia desabou e com ela levou sonhos, juras de amor trocadas e expectativas outrora justificadas

Assim foi a breve e intensa história de um prometedor castelo de areia que foi embrulhado pela força das ondas e não resistiu.

XIV. Canta a ver se encanta

Chegou apresentando uma confiança assertiva e determinado
Peito cheio certamente de um vencedor
De olhar curioso e meigo
A sua retórica era descontraída e entusiasmante

A medo mergulhou
As braçadas foram cada vez mais para fora de pé
Emergiu o cansaço
O seu rosto alterou-se e o brilho apaixonante no olhar desvaneceu

O ar ganhou um peso significativo
Seguiu nadando para outra costa
Um litoral já desbravado
Num caminho que lhe era familiar
Não olhou para trás

"Olhos que não veem, coração que não sente"
Já dizia o outro

Que a travessia lhe tenha valido de algo
Com ele levou um pedaço daquela costa
Deixando no ar a pairar o seu cheiro de conquistador.

XV. Cartas de amor

Todas as certezas foram blasfémias semeadas

O cuidado e respeito outrora dado como inato

Desapareceu com a brisa do mar

Naquela paisagem cujo fim é de perder de vista

A pele e o corpo tão dignos tornaram-se banais

A vulgaridade emergiu no adeus

Palavras narradas que de nada serviram

O egocentrismo imperou e a empatia nem deu sinal de vida

Os raios de sol ecoavam entre quatro paredes

Outro dia nascia e com ele outra visão

O inegável processo constante de aprendizagem evidenciava-se uma vez mais

Os sorrisos, a cumplicidade e a partilha existiram

Restam as cinzas das cartas de amor

Juras perdidas de algo irreal

Aqui permanece uma soma à experiência

O tempo não parou, por isso, eu também não